



Resenha do livro “Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo”

**Leandro Aparecido
Fonseca Missiatto¹**

**Review of the
book “Linguistic
racism: the
undergrounds of
language and
racism”**

¹ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Rondônia.
E-mail: leandro_afonseca@hotmail.com

Resumo

Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo, livro de autoria de Gabriel Nascimento, aborda a linguagem como mecanismo de produção, disseminação e sedimentação do racismo. Ao fazer os caminhos de pensadores decolonialistas e de uma linguística crítica, o autor aponta para complexidade do racismo e suas interfaces com a linguagem. Com uma escrita potente, meticulosamente arquitetada em uma vasta literatura da área, essa obra é um convite para pensar a linguagem como instrumento de poder e de subalternização de vidas que são produzidas nos horizontes da linguagem como se humanos não fossem.

Palavras-chave: Racismo linguístico; Pensamento decolonial; Linguagem.

Abstract

Linguistic racism: the underground of language and racism, a book by Gabriel Nascimento, approaches language as a mechanism for the production, dissemination and sedimentation of racism. In making the paths of decolonialist thinkers and critical linguistics, the author points to the complexity of racism and its interfaces with language. With a powerful writing, meticulously designed in a vast literature of the area, this work is an invitation to think of language as an instrument of power and of subordination of lives that are produced in the horizons of language as if humans were not.

Keywords: Linguistic racism; Decolonial thinking; Language.

A língua e a linguagem são tecnologias humanas nunca acabadas, são fluídas e estão em permanente transformação. Embora a linguagem seja desprovida de uma raça, um gênero ou mística, os sujeitos que a (re)produzem carregam estes marcadores sociais. Nesse sentido, a linguagem não é neutra, pelo contrário é um reflexo dos sujeitos e suas posições socio-históricas e ideológicas. Gabriel Nascimento rasga os véus que mascaram o racismo implícito na linguagem colocando em relevo a potência de um sistema de comunicação, elaborado pela modernidade colonialista, que produz identidades subalternizadas, ao mesmo tempo em que estabelece espaços de privilégios para a branquitude hegemônica.

No capítulo 1, o autor aborda a produção da linguagem moderna a partir dos grandes conflitos emergentes nessa história, tais como capitalismo e sistema colonial. Trata dos circuitos de reprodução de uma linguagem marcada pela hegemonia branca e eurocêntrica que produziu, a partir da visão do dominador, identidades inferiorizadas que foram alocadas, pela linguagem, nas periferias da humanidade. A língua emerge nesse contexto como uma fronteira do encontro com a alteridade e sendo ela mesma uma imaginação do europeu sobre o que ele era, o que era o Outro e o que era a modernidade. Nesse sentido, a língua e linguagem na modernidade surgem pela força da hegemonia branca-européia e refletem a trajetória de dominação colonial nas Américas.

No capítulo 2 Nascimento dedica espaço para três pensadores negros fundamentais para se compreender as relações entre a linguagem e o racismo: Frantz Fanon, Achille Mbembe e Lélia Gonzalez. Ao utilizar pensadores de primeira grandeza, Nascimento contempla em sua crítica uma visão ampla das interfaces produzidas pelo entretecimento entre língua e racismo. As contribuições de Fanon se destacam pelo seu olhar sobre o impacto da língua (do colonizador) na fragmentação das identidades negras, que a partir da dor da desumanização racial, elaboram o imaginário que pela incorporação da branquitude conquistariam espaços para Ser. A língua aqui é tratada como um desejo pela humanização. Já Lélia González, antropóloga brasileira, ao concentrar boa parte de seus estudos sobre o perfil do povo latino-americano enquanto um povo *amefricano* contribui para pensar a repercussão das línguas africanas para formação das línguas presentes na América Latina contemporânea, em especial o português, chamada por Lélia de *pretoguês*. Sob as influências do pensador camaronês Achille Mbembe, Gabriel

Nascimento aborda a opressão e a resistência a partir da simbolização do signo negro.

O capítulo 3 é uma espécie de prolongamento do antecessor e possibilita a ampliação da problematização da língua na racialização enquanto interação de poder. O autor contempla outros tantos pensadores decoloniais como Linda Alcoff, Aime Césaire e Lynn Mário Trindade Meneses e Souza ao tratar do poder colonial em produzir identidades racializadas marcadas pelas insígnias da inferioridade, vergonha e não humanidade. Nesse sentido o autor desperta para a natureza política, social, histórica e ideológica que faz da linguagem uma ferramenta de dominação de povos subalternizados ao projeto eurocêntrico de desenvolvimento.

Entre questões identitárias e liberal, o capítulo 4 aborda a ontologia do racismo que impôs o sentido de ser negro às fronteiras do existir humano. Essa ontologia colonialista produziu identidades que privilegiou e afirmou em posição hegemônica o sujeito branco, eurocêntrico, cisheterossexual e cristão, enquanto invisibilizou, anulou e subjuguou aqueles que destoraram desses padrões normativos.

Em uma inversão entre história e língua, o capítulo 5 faz apontamentos sobre alguns trechos da história brasileira a partir de uma lente raciolinguística. O autor percorre desde o período colonial até os presentes dias abordando questões como a imposição do português como língua oficial do Brasil, de modo a dominar os povos indígenas, homogeneizar os territórios e anular as culturas linguísticas destoantes do projeto colonizador. Nesse capítulo o autor fala ainda da introdução do ensino de inglês e apresenta pistas raciolinguísticas para compreender a formação de um novo centro do poder não mais apenas circunscrito à Europa, mas ao Norte global. O ensino do inglês no Brasil encontra-se intimamente ligado às questões raciais, sendo um privilégio das pessoas brancas. O impacto dessa política racial do ensino de línguas está na marginalização de pessoas negras e pobres no mercado de trabalho e até mesmo nos campos acadêmicos que privilegiam epistemologias do Norte global.

O capítulo final apresenta alternativas para uma outra perspectiva raciolinguística. Destaca o autor a necessidade da superação da fratura ontológica produzida pela colonialidade europeia que agiu em distinguir humanos e não

humanos. Para tanto é preciso uma ontologia que esteja acima daquilo que Nascimento chama de falsas epistemologias que racializam um pensamento único, tido como supostamente científico e verdadeiro. Problematiza o autor a racialização da branquitude, pois entende que a branquitude só conseguirá se ver, como de fato é, quando seus privilégios e suas identidades forem elevados aos campos da raça. Ainda nesse capítulo, Gabriel Nascimento aborda a necessidade de racializar as práticas linguísticas que são utilizadas para implementar políticas nacionais e regionais de exclusão. Segundo o autor, o avanço da extrema direita no Brasil e em outros tantos países reflete o racismo como condição estruturante de nossas sociedades, uma vez que os discursos segregacionistas surgidos com o projeto racial de colonização do Sul global se mostram atualmente em absoluta atividade e com larga base de apoio.

Por fim, este é um livro necessário para aqueles interessados em compreender as criptas do racismo, que faz da linguagem uma ferramenta de poder e constrói subjetividades animalizadas e aptas a serem incorporadas, como vidas servis, ao capitalismo, ao mesmo tempo em que legitima e afirma em espaços de privilégios as identidades brancas.

Artigo recebido em 09 de outubro de 2020.

Aprovado para publicação em 05 de novembro de 2020.

Referências

NASCIMENTO, Gabriel. *Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo*. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

